

Pular ou morrer!

Preso numa montanha, ele teve de encarar uma difícil escolha: morrer congelado ou lançar-se no vazio. POR JOHN DYSON

Tom Murphy saltou do teleférico para se divertir. A neve imaculada e os belos picos alpinos se estendiam deslumbrantes em todas as direções.

Era dia 2 de março, último da semana que ele desfrutava na estação francesa de esqui de Les Deux Alpes. Decidido a aproveitar ao máximo esses momentos, o bombeiro hidráulico de 30 anos, morador do sul de Londres, acordou cedo, deixou o companheiro de viagem curtir na cama a cerveja da noite anterior e foi sozinho para a montanha.

Após duas subidas de teleférico e uma de *snow-bus*, chegou ao Dôme de la Lauze, a 3.568 m de altitude, o topo de uma das mais altas pistas de esqui da Europa. Era meio-dia.

Prendeu as botas na prancha de *snowboard*, alinhou o ombro direito e, com um impulso dos joelhos, partiu para a aventura.



O vento gelado fustigava-lhe o rosto e a prancha produzia um ruído suave enquanto ele executava alegres manobras em “S” ladeira abaixo.

Seu plano era sair da rampa sinalizada e seguir pela mata, um quilômetro e meio mais ou menos, até um teleférico onde estivera com amigos no dia anterior. Ao ver uma corda que barrava o caminho, ignorou o aviso e passou por baixo dela. Andar fora das pistas era arriscado, mas muito mais divertido, e as condições do tempo estavam perfeitas.

Mas a confiança de Tom começou a fraquejar quando o terreno pareceu estranho. O teleférico sumira e ele não via ninguém. Tom prosseguiu mais um pouco e parou. Estaria perdido?

A neve se moveu. E uma fenda escura abriu-se, instantânea como um relâmpago, a partir das duas extremidades da prancha. Por um momento o mundo pareceu parar. Depois, desabou sob seus pés.

Rolando aos trambolhões, Tom percebeu que estava numa avalanche.

Jovial, cheio de energia, os cabelos curtos clareados pelo sol e vivos olhos azuis, Tom não vivia sem a adrenalina do esporte. Dirigia uma grande motocicleta e jogava futebol semi-profissional três vezes por semana. Numa viagem ao redor do mundo, fizera pára-quedismo, canoagem e *bungee jumping*. Dava aulas de futebol nos Estados Unidos quando aderiu ao *snowboarding*, modalidade que fazia parte da graduação em esportes. Sua aspiração mais recente era tentar o

base jumping: pular de pára-quedas de penhascos ou edifícios altos.

Apesar da enorme tatuagem de guerreiro no braço, Tom sabia manter os pés no chão. Era um trabalhador exemplar da construção civil e havia dois anos que voltara à faculdade para fazer o curso de bombeiro hidráulico. Junto do irmão e da irmã, construía uma casa em Sutton, na Inglaterra. Esse feriado dedicado à prática do *snowboard* em companhia do colega de escola Elliott Garrett fora decidido tão de última hora que ele não dissera nem à namorada e nem à família onde estaria.

Agora, rolando encosta abaixo num redemoinho de neve, os pensamentos de Tom disparavam. Instintivamente, tão logo achou que seu corpo estava na vertical, alinhou a prancha e esticou as pernas. A prancha atingiu neve sólida e o impulso atirou-o para o lado, numa trajetória diagonal à da descida, até que foi lançado para fora da avalanche.

O vulto de uma rocha negra surgiu à frente. Ele meteu os dedos enluvados numa rachadura. Ficou bambeando, de rosto voltado para baixo, e viu a avalanche quebrar como uma onda no fundo do vale. Olhou para cima. A avalanche o arrastara centenas de metros. Quase toda a neve fora retirada, deixando uma faixa estreita de pedra nua. Não havia como voltar.

Com a prancha servindo de apoio aos pés, Tom pôde retirar a mão da fenda e pegar o *walkie-talkie* no bolso. “Alô, alô!” chamou. “Elliott, você está aí? Há alguém aí?” Ninguém respon-

deu. Verificou também o celular. Sem sinal.

Por dez minutos, Tom pensou no que fazer. Sentar e esperar? Ninguém sabia onde ele estava. O pessoal do resgate veria seus rastros na neve? Improvável. Viu uma estrada no fundo do vale. É para lá que devo ir, decidiu.

Girando para ficar de frente para o declive, afastou-se da pedra. O penhasco de gelo, neve e rochas que se estendia abaixo parecia quase vertical. Aquele seria o percurso mais radical que já tentara em *snowboard*. Respirou fundo. “Você consegue”, disse a si mesmo.

Escorregando, deslizando, mantendo a prancha paralela à superfície de modo que a borda pudesse escavá-la e alternando os lados que entravam em contato com a neve, Tom desceu por meio de uma série de saltos impressionantes.

Então o declive ficou mais acentuado. A prancha começou a bater nas pedras. Alguns saltos chegavam a 4,5 m, causando um impacto que ele absorvia dobrando os joelhos. Em 15 minutos, Tom desceu mais de 450 m. Por fim chegou a uma pedra que se projetava além da superfície e freou em cima. Ofegante, recostou-se na parede do penhasco, deixou as pernas penderem na borda da pedra e olhou em volta.



Tom descendo de *snowboard* a Whistler Mountain, numa viagem a Colúmbia Britânica dois anos atrás.

À direita, o penhasco descia como uma rampa livre de qualquer ponto de apoio para as mãos. À esquerda, via-se um lençol de gelo, e nele um enorme buraco. Ao ouvir o barulho de água corrente, inclinou-se devagar e observou atentamente o buraco: era a parte interna de uma cachoeira congelada. Se caísse ali dentro, não teria como sair até o degelo da primavera.

À frente, viu de novo a estrada, agora mais próxima. Mas a protuberância da pedra escondia o que havia logo abaixo. Flanqueando a estrada, adiante, havia somente pedras pon-

tudas e seixos que se projetavam das saliências de neve. A queda era cerca de três vezes sua casa de dois andares e terraço, ou, aproximadamente, 30 m no total. Tremendo, retornou, agarrando-se à pedra com força.

Depois de cavar com a mão porções de neve e transformá-las em bolas de gelo, jogou-as para baixo. Embaixo só havia pedra, concluiu ele.

Tom avaliou a situação.

Ninguém sabia onde ele estava e poderia levar horas até que alguém começasse a procurar. O rádio e o celular inúteis. Do fundo do coração Tom sabia o que tinha de fazer. Seria um risco imenso, mas ele teria de corrê-lo.

Gravou uma mensagem de adeus no telefone, sabendo que, se morresse, ela seria encontrada com ele.

*Sei que se você estiver
ouvindo isto é porque eu já me fui.*

Escolhi meu destino.

*Estou congelando e, por isso,
apavorado.*

*Estou sentado aqui, à espera de que
a neve caia para me levar embora.*

*Escolhi tentar e voltar para casa
para ver meus entes queridos.*

*Saibam que gostaria de não estar
aqui, mas em casa, com vocês.*

Amo vocês.

*Se tiver uma chance mínima
de sobreviver, jamais
farei isto de novo.*

*Deus me perdoe por tudo
de errado que fiz. Adeus.*

Por duas horas, Tom permaneceu sentado na pedra, tentando pensar numa alternativa. Mas não havia escolha. Era pular ou morrer.

Um milímetro de cada vez, Tom aproximou-se da borda da pedra. “Mais um e lá vou eu”, disse.

Ele só sentira pavor semelhante quando saltara de *bungee-jump* de um bondinho suspenso a 135 m de altura, na Nova Zelândia. Agora seria um salto de *base jumping* sem pára-quadras, sem que ele tivesse a menor idéia do que havia lá embaixo, e sem possibilidade de retorno.

Tom elevou um pouco as coxas e fez mais um movimento sinuoso. Ah, não! Caiu como um punhal, a respiração suspensa, olhos fechados com força, roupas agitando-se com ruído ao vento. À espera do impacto.

Ao atingir o solo, tombou de lado sobre um monte. Com cuidado, avaliou o estado de seu corpo: tudo funcionava. Pasma, olhou para a parede de estalactites acima. Aterrissara na cavidade aberta pela cachoeira, agora congelada. Cheia de neve, ela amorteceu a queda.

Tom se arrastou e conseguiu ficar sentado numa saliência próxima. Agora a estrada estava perto o suficiente para que ele pudesse ver as cores dos carros.

Instigando a coragem, saltou de novo e desceu a encosta de *snowboard*, tentando evitar pedras e permanecer sobre a pouca neve que restava.

Logo chegou à outra saliência, onde parou. Essa queda parecia ser até mais alta, embora ele não pudesse ver o ter-

reno abaixo. Uma corda curta usada por escaladores de gelo ficara presa à rocha. Utilizando-a como um cabo, desceu para tentar enxergar alguma coisa, mas a visão estava bloqueada.

Tom tentou subir de novo pela corda, mas as forças lhe faltaram. Não conseguia erguer-se nem continuar se segurando. *Vou contar até cinco e largar. Mas não conseguia cumprir a decisão. Vou esperar que passem dois carros e, quando o segundo desaparecer, largarei a corda...*

Surgiram dois carros. Tom fechou os olhos e rezou. *Por favor, me deixe ver minha família de novo.*

Largou a corda e precipitou-se no espaço.

Bateu a cabeça de raspão numa pedra que se projetava. Seu corpo atingiu outras pedras. Aterrissou com violência na neve outra vez. A coxa direita doía muito. As pernas, insensíveis e imóveis. A parte inferior das costas doía, a cabeça latejava, o sangue escorria do couro cabeludo. *Mas não morri, pensou.*

Arrastando-se para adiante, com braços e cotovelos, as pernas dormentes, chegou até outra saliência e deu uma olhada. *Se conseguir deslizar um pouquinho para baixo, talvez fique mais fácil prosseguir*, concluiu.

Estava enganado. Caiu cerca de 30 m e atingiu uma saliência de poucos centímetros a mais que o comprimento de sua prancha. Abaixo, o penhasco inclinava-se ainda mais. Com os joelhos travados, recostou-se na rocha. Era o fim.

Por uma eternidade, acenou e gritou para os carros que passavam, mas não obteve resposta. O vale escureceu com rapidez. Tom acenou com a luz de seu celular para os carros. Nada. Digitou outra mensagem no aparelho:

São 20h. Estou impedido de continuar a descer a montanha há duas horas. Tive sorte nas últimas quedas. Acho que quebrei a perna esquerda.

Está escuro e morrerei congelado se um helicóptero não me resgatar logo. Transmita meu amor a todos aqueles que me conheceram.

Agora vou fechar os olhos e espero poder abri-los algum dia. Amo vocês.

Sozinho, exausto e morrendo de frio, Tom se deixou levar.

Pouco depois, seus sentidos voltaram com uma sacudidela. A saliência em que ele se apoiava cedia. Não, não vou desistir! Juntando a neve com os braços e moldando-a com pancadinhas, fez um assento para se comprimir à rocha e aliviar o peso do próprio corpo sobre a saliência.

Nervosamente, pegou o telefone. Viu “Rede” e selecionou essa opção. O telefone buscou o sinal.

A última mensagem de Tom foi transmitida para sua família e para a namorada. De várias casas espalhadas pelo sul de Londres partiram li-

gações para a polícia, a Scotland Yard e até a Interpol.

Enquanto isso, Tom digitou o número do amigo. “Elliott, sou eu. Estou preso na montanha. Vou morrer se você não conseguir ajuda...”

Elliott, um pesquisador de 30 anos, também da Inglaterra, tentara o dia inteiro entrar em contato pelo rádio com o amigo. Agora, enquanto jantava num restaurante, achou que Tom estivesse brincando:

- Quer dizer que está vivo? Por onde você andou?

- Estou numa enrascada, cara - disse Tom. - Você tem de me socorrer.

- Essa é boa! - retrucou Elliott. - Você não vai me pegar.

Elliott deixou Tom falar até que ouviu algo estranho. “Quero que você fique com minha moto”, disse Tom. Elliott percebeu que o amigo chorava.

Mudando de atitude, disse a Tom que não usasse o telefone, para economizar a bateria, e em seguida pediu

ao pessoal do hotel que avisasse a polícia e os serviços de resgate. Com o auxílio de um mapa, tiveram idéia da localização de Tom e seguiram pela estrada piscando os faróis. Tom telefonou quando avistou o carro.

Elliott viu uma luz acenar de um lado para outro, no alto da linha da montanha.

Bem depois da meia-noite, um helicóptero localizou a luz do telefone e Tom foi resgatado em segurança. Havia sofrido hipotermia e tinha as pernas dormentes porque fraturara o cóccix. “Ele teve uma sorte incrível”, disse o gendarme Hervé Labarde, que o resgatou.

Mais tarde, deitado na banheira, e, no dia seguinte, no vôo de volta para casa, quebrou a cabeça tentando entender como pulara de uma montanha. O pai, Kevin, o esperava no aeroporto: “O que você foi fazer lá?”, perguntou ele, zangado. Logo que se abraçaram, Tom compreendeu: agora sei por que pulei.

MUITO DETALHE

Geralmente, quando ligo para a escola do meu filho, é sempre a mesma secretária que atende o telefone. Certo dia, telefonei para lá, mas, desta vez, a voz não me era familiar. Comentei isso com meu filho de 11 anos, e perguntei se por acaso tinham trocado de secretária e se ele sabia quem havia me atendido.

- Ainda é a mesma pessoa. Deve ter sido a Sra. Campbell. Pela voz dela dava para perceber se ela estava usando um casaco azul?



Mandy Williams, EUA

Aspas



Atuar é só um jeito de ganhar a vida; mas minha vida é minha família.

Denzel Washington

Todo mundo só pensa em salvar a Terra. Mas ninguém se prontifica a ajudar a mãe a lavar os pratos.

P. J. O'Rourke

Outro dia, fui comer num restaurante muito "família". Em cada mesa acontecia uma discussão...

George Carlin

Muitos jovens de 68 que queriam mudar o mundo foram mudados por ele. Os de hoje estão mais a fim de mudar a própria vida.

Zuenir Ventura na Playboy

Concorda?

Às vezes, mesmo no trabalho em equipe, você precisa bater o pé pelo seu.

Rubens Barrichello



A gente está cheio de recurso para ser livre, só que não consegue.

Porque as pessoas acham que é mais seguro ter holerite e trabalhar das 9 às 18h dentro de um cubículo.

Nelson Motta na Marie Claire

Não se importe com a velhice. Se você está em cima, e não embaixo da terra, já está no lucro.

Faith Hill

O caminho já trilhado é mais seguro, em compensação o tráfego é insuportável.

Jeff Taylor, fundador do monster.com



É por causa da amizade que eu faço música.

Milton Nascimento
na Rolling Stone



Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros famosos vivos (página 105).